
MRS.
AJELLO
BONUS SCENE
NEVA ALTAJ



Novembro 2023

PERFECTLY IMPERFECT
BONUS SCENE

MRS. AJELLO

A BONUS SCENE FROM
MILENE'S POV

Nota da Autora

Esta cena bônus deve ser lida após o LIVRO CINCO.

Milene

Heeeeey Macarena!

Meus olhos se abrem. Vou matar minha melhor amiga.

Resmungando, pego meu celular e o lanço para o outro lado do quarto. Ele aterrissa perto da planta no canto e continua tocando a terrível melodia.

Eu amaldiçoo o dia em que confessei à Pippa o quanto odeio essa música, porque ela aproveita todas as chances que tem para torná-la meu toque de celular. É uma vingança por ter que lidar com quatro guarda-costas seguindo cada passo nosso sempre que ela e eu vamos a algum lugar. Na verdade, não posso culpá-la por isso. As tendências protetoras do meu marido tendem a ser demais para as outras pessoas.

Fecho os olhos, com a intenção de voltar a dormir. Passei a maior parte da noite passada acordada, olhando para o teto enquanto pensava em como dar a 'notícia' a Salvatore. Um milhão de cenários diferentes e suas possíveis reações passaram por minha mente.

Contar ao meu marido que estou grávida deveria ser fácil e a coisa mais natural do mundo. Não deveria envolver quatro planos estratégicos - completos com diagramas mentais de 'desgraça' - como os que eu criei durante minha sessão de *reflexão* na calada da noite.

Meu marido não é exatamente o que alguns chamariam de 'normal'. — Essa é a razão pela qual um dos meus diagramas inclui um resultado potencial como 'matará noventa por cento da população da cidade para reduzir

o risco de alguém esbarrar acidentalmente em nosso filho com o cotovelo ao atravessar a rua'.

Heeeeey Macarena!

— Jesus, porra! — Resmungo e saio da cama, quase tropeçando em nosso gato esparramado no meio do quarto. O fio do carregador do celular está pendurado embaixo dele. A extremidade do fio foi mastigada até ficar em pedaços.

— Droga, Kurt. Salvatore vai matar você.

A música idiota continua tocando no meu telefone enquanto eu tiro o carregador de debaixo do gato e o coloco na gaveta mais próxima. Com as provas escondidas em segurança, corro para o outro lado do quarto e pego o celular.

— Sim! — Eu me arrebento.

— Milene, cara, — a voz do meu marido vem do outro lado da linha. — Onde você está?

É uma pergunta completamente comum, feita em um tom calmo e casual. Uma pergunta cotidiana que um marido faria à esposa ao telefonar para ela pela manhã.

Não há *nada* de casual nessa pergunta quando Salvatore a faz.

— Você está no escritório? — Pergunto e corro para o banheiro para pegar minha escova de dentes e pasta no copo sobre a pia.

— Sim. Estou no meio de uma reunião.

— Descerei em cinco minutos, querido.

Interrompo a ligação, coloco a escova de dentes na boca e corro de volta para o quarto.

Escovar os dentes e, ao mesmo tempo, vasculhar o armário em busca de algo adequado para vestir exige muita concentração, então pego a calça jeans e a primeira blusa que aparece na minha mão. Acontece que é a amarela. Salvatore odeia essa.

Volto correndo para o banheiro para enxaguar a boca, tiro a camiseta de Salvatore com a qual eu costumo dormir e começo a vestir o short quando percebo que não estou usando calcinha. As que eu usei ontem à noite provavelmente foram parar em um dos cantos do quarto quando Salvatore as arrancou de mim hoje de manhã.

— Que se dane, — murmuro, puxo o short para cima e coloco a regata amarela. Sem sutiã também, mas que se dane o pato, estou ficando sem tempo.

Meus olhos saltam para o espelho à minha frente, ardendo em choque quando vejo o ninho de ratos emaranhado no topo da minha cabeça. O cabelo está espetado em todas as direções. Não há como arrumar essa bagunça a tempo.

Talvez sejam apenas seus funcionários regulares. *Digo a mim mesma.* Tenho certeza de que eles não se importarão de me ver parecendo uma vítima de choque elétrico. Será que se importam?

Sim, é verdade. Conhecendo minha sorte, seriam os CFO[1]s. Bem, eles poderiam ser OVNIs, no que me diz respeito. Não vou arriscar que meu marido perca a cabeça.

Olho em volta, procurando um elástico de cabelo, e vejo um velho elástico vermelho com o qual Kurt gosta de brincar. Isso serve. Prendo o cabelo em um coque alto e saio correndo do banheiro.

O elevador faz um barulho quando chega ao décimo andar e eu passo pelas portas antes que elas se abram totalmente. Meus pés descalços fazem sons suaves de batidas nos caros ladrilhos de mármore quando me aproximo da recepção.

— Sra. Ajello. — Ginger, a secretária de meu marido, salta de sua cadeira.

Ela está vestindo um terninho azul-claro hoje, os vincos ao longo das pernas da calça estão tão acentuados que se assemelham à borda de uma lâmina. Seu rosto está completamente sem expressão, além de um pequeno sorriso educado. Não há um pingo de choque ou espanto ao me ver com cara de quem está indo para um lava-rápido. Acho que ela está acostumada com isso.

— Onde ele está? — Eu pergunto.

— O Sr. Ajello está na sala de reuniões grande.

— Obrigada, Ginger. — Viro à esquerda e sigo para o corredor, depois digo por cima do ombro: — Você poderia pedir um novo carregador de celular para Salvatore? Ou, melhor ainda, que sejam dois.

[1] Diretores Financeiros.

— É claro, Sra. Ajello. Foi o Kurt, de novo?

— Quem mais? — Eu bufo e bato na grande porta de vidro fosco no final do corredor.

— Entre, — a voz de Salvatore me chega de dentro.

Abro a porta só um pouquinho e dou uma olhada lá dentro. Meu marido está sentado na cabeceira da longa mesa de mogno, segurando uma pasta em suas mãos. Seis homens, vestidos em ternos impecáveis, estão sentados ao redor da mesa, olhando para mim. Sim, são os executivos.

— Olá! — Eu sorrio, certificando-me de que meus olhos estejam fixos em Salvatore para que ele não pense erroneamente que meu sorriso foi destinado a qualquer pessoa que não seja ele. Não quero derramamento de sangue tão cedo na manhã de segunda-feira. — Estou interrompendo?

Meu marido inclina a cabeça para o lado e, lentamente, deixa seus olhos passearem pelo meu corpo até às pontas dos meus dedos dos pés descalços e, em seguida, voltam a subir. Assim que ele termina sua leitura e se convence de que não sofri nenhum dano físico, aqueles olhos cor de âmbar captam os meus mais uma vez.

Apesar de haver pelo menos três metros de distância entre nós, é como se ele estivesse bem diante de mim. Se alguém me perguntar como me sinto quando meu marido olha para mim, não sei se serei capaz de explicar. Tudo o que sei é que tudo ao nosso redor parece se dissolver, e eu continuo sendo seu único foco. Não há palavras para descrever essa sensação, nenhuma maneira de transmitir como é ser *vista* pelo amor da minha vida. Pois quando Salvatore Ajello olha para mim, nada mais importa.

— Acho que vocês ainda não conhecem minha esposa, — ele diz aos senhores na sala, mas seus olhos permanecem grudados nos meus. — Esta é Milene.

O silêncio na sala é palpável. Acho que não sou o que eles esperavam como esposa do homem mais temido do mundo da Cosa Nostra. Bem, surpresa!

Entro na sala de reuniões e me dirijo à cabeceira da mesa de conferência, sentindo as cócegas do carpete grosso em meus pés descalços. Ao passar pelas janelas que se estendem por toda a parede, com uma vista incrível de Nova York, sinto os olhos dos homens em mim.

Paro em frente ao meu marido e traço seus lábios com a ponta do meu dedo.

— Desculpe. Dormi até tarde. — Sorrio.

Normalmente, levanto-me às nove horas todas as manhãs. Se Salvatore já saiu da cobertura, a primeira coisa que faço é ligar para ele. Já são quase onze horas, o que significa que ele provavelmente ligou para Ada, nossa governanta, pelo menos oito vezes, para verificar se eu estava bem. E tenho certeza de que ela lhe disse em todas as ocasiões que eu estava bem e dormindo profundamente. O fato de ele ainda estar na reunião e não ter subido as escadas para verificar por si mesmo significa que essa reunião provavelmente é importante.

Salvatore sabe muito bem que, na maioria dos casos, seu temor pela minha segurança é infundado, por isso ele faz o possível para se controlar. Se ele recorreu a me ligar, é prova de que estava a um fio de perder completamente o controle.

— Tudo bem, — ele diz e beija a ponta do meu dedo.

— Quer que eu fique?

— Se você quiser.

Levanto uma sobrancelha. — Vai ser muito chato?

— Provavelmente. — O canto de seus lábios se inclina um pouco para cima.

— Bem, eu sobreviverei. — Dou de ombros e me sento em seu colo.

O braço de Salvatore envolve minha cintura, puxando-me para mais perto de seu peito. — Podem prosseguir, — diz ele aos homens reunidos ao redor, enquanto pega minha mão com a sua. Com o polegar, ele começa a fazer pequenos círculos em minha palma.

Ninguém diz nada por alguns instantes. Silenciosos como peixes, eles permanecem um pouco atônitos, como estavam desde que cheguei. Finalmente, um homem na ponta da mesa limpa a garganta e começa a falar. Tento acompanhar a discussão, mas o assunto é sobre imóveis sobre os quais não sei nada, então enterro meu rosto na curva do pescoço de Salvatore e fecho os olhos. Um cochilo parece ser uma ótima ideia neste momento.

Tenho sentido sono constantemente nas últimas semanas, e esse é um dos motivos pelos quais suspeitei que poderia estar grávida, o que me levou a fazer o teste de gravidez ontem. Preciso dar a notícia a ele depois dessa reunião. Meu Deus, ele vai pirar.

— Milene? — Salvatore pergunta próximo ao meu ouvido.

— Mmm?

— Aconteceu alguma coisa, *cara*[2]?

— Não. Nada. — Respiro fundo, inalando seu cheiro. — Estou apenas imaginando como será esta cidade sem noventa por cento de sua população.

— Por que você pensaria nisso?

— Por nada.

Salvatore acena com a cabeça e volta sua atenção para o homem que está apresentando os números sobre a flutuação do mercado imobiliário. Quase cochilei quando ouvi a voz do meu marido novamente.

— Você preferiria que menos pessoas vivessem em Nova York, *cara*?

Eu suspiro. Para ele, viver significa estar vivo. — Não, Tore. Eu realmente não gostaria disso. Podemos deixar as coisas como estão?

— Sim.

Acho que isso significa que posso riscar um possível resultado da minha lista. Faltam mais três.

FIM

[2] Querida.